

Que causos são esses, Barbosa?

Carlos Alberto Barbosa

blogdobarbosa.jor.br

Incentivado por amigos resolvi escrever também causos particulares vivenciados ao longo dos anos. Alguns relatos são hilários, e dignos de levar ao programa Que História é Essa, Porchat. Seguem os causos em forma de coletânea.

Sumário

CAPÍTULO I

Entrei de gaiato no navio. 6

CAPÍTULO II

Um quase exílio em Paris por causa de uma mala . 10

CAPÍTULO III

Quando virei deboche de um portuga 12

CAPÍTULO IV

Perrengue no carnaval de Olinda 15

CAPÍTULO V

Troça do Peru e Xibiu com Mel no Ponto G 17

CAPÍTULO VI

Gafe sem reparo 19

CAPÍTULO VII

Pessoas homônimas dá nisso 21

CAPÍTULO VIII

Susto no trem 23

CAPÍTULO I

Entrei de gaiato no navio



Ao comemorar os meus 40 anos de idade – faço aniversário no mesmo dia que o amigo e colega João Maria Medeiros, 22 de janeiro – um grupo de amigos combinou de comemorar o meu niver num lual nos Parrachos de Pirangi – piscinas naturais –, era verão e estávamos veraneando na praia de Búzios.

João Maria iria preparar um jantar para comemorar o aniversário dele e nos convidou, eu e a minha esposa, Valéria. Agradei, porque já havia assumido o compromisso de comemorar o meu niver num lual nos Parrachos.

O amigo Jobson – Bob, é assim que ele prefere ser chamado – organizou tudo, inclusive o barco que iria levar o grupo até os Parrachos para o lual. Contando comigo e Valéria, o grupo somava umas 12 pessoas.

Bob, que toca violão, disse que o barco tinha uma churrasqueira e que levássemos espetinhos de churrasco e a bebida para comemorar o meu niver. Eu, levei uísque, acompanhado de um pequeno cooler com gelo. Valéria carregou as mãos de espetinhos de churrasco e de queijo de coalho.

Pois muito bem: o lual era numa sexta-feira de janeiro. Eu trabalhava nesta época no extinto Diário de Natal como editor de Economia. Bob havia dito que o barco sairia às 19h da frente da casa em que ele estava na enseada de Búzios. Combinei com o sub-editor de Economia que, por seu o meu aniversário, iria sair mais cedo do jornal – normalmente saia por volta das 21h e na sexta que era dia de “pescoção”, um pouco mais tarde porque fechávamos o jornal do sábado e parte de O Poti que circulava aos domingos.

Tudo acertado com o sub-editor, Valéria me liga por volta das 18h30 dizendo que Bob tinha avisado que a maré só estaria baixa às 21h, e que, portanto, não precisava se apressar. Mas, como já havia combinado de sair mais cedo do jornal, aproveitei para pegar Valéria e meus dois filhos ainda pequenos para comer uma pizza em Natal e depois seguir pra Búzios. Em Búzios estávamos na casa da irmã de Valéria, Rosângela, que ficava próximo de onde o barco iria sair. Ocorre que as horas foram passando e não me dava conta de que poderia pegar um trânsito ruim para Búzios na Rota do Sol. Dito e feito: chegamos na casa da minha cunhada quase às 21h, pra ser mais exato, era por volta das 20h50. Deixamos as crianças e as bagagens do fim de semana na casa da Rosângela e seguimos para a enseada de Búzios de onde a embarcação iria sair. Pra nossa surpresa ao chegar na casa de Bob e Soraya – sua ex-mulher – Betão, surfista, na época cunhado de Soraya disse: “Mermão, o barco não vai sair daqui não, vai sair de Pirambúzios, corram que vocês ainda pegam”. Ainda senti

o cheiro da Cannabis na fala de Betão. Rsrtrs. Empurrei o pé no acelerador e chegamos em Pirambúzios.

Fomos logo surpreendidos com a quantidade de carros à beira mar. Bob havia dito que era um barco de pescador, grande, tipo lagosteiro. Imaginei logo que o nosso grupo não estaria só neste barco. Pegamos o uísque e os espetinhos e fomos para a beira mar aguardar uma pequena balsa que estava vindo pegar as pessoas que iriam para o passeio. Encontramos um casal que não conhecíamos aguardando o balseiro. Ficamos um pouco desconfiado porque o barco, na verdade, era uma escuna que estava toda iluminada. Aí Valéria teve a curiosidade de perguntar ao casal se eles conheciam Soraya. A moça disse que sim. Ficamos mais tranquilos.

Chega o balseiro para nos apanhar e levar até o barco – escuna, na verdade. Curioso também, perguntei a ele se havia pego um gordo. Ele me respondeu que já tinha levado pelo menos três pessoas gordas para o barco. Me tranquilizei mais ainda porque tenho um amigo – Emmanuel – que é gordo e iria no passeio. Ao chegar próximo ao barco, percebemos se tratar mesmo de um veleiro e estava todo iluminado. Na proa tinha uma pessoa gorda com um copo na mão, mas de baixo para cima, ou seja, da balsa para proa do veleiro só víamos a silhueta da pessoa. Como gosto de brincar com os amigos, fui logo gritando: E aí gordo viado, chegamos! O cara responde: suba viado!

Quanta surpresa ao pormos os pés na proa do valeiro. Estavam todos com camiseta branca e com o nome da DIA – distribuidora de alimentos. Era um lual patrocinado pelos donos da empresa para os amigos. Foi aí que me deparei que eu e minha mulher tínhamos entrado de gaiato no navio. Na proa tinha muitos jovens dançando ao som de um DJ. Valéria foi logo dizendo. Vamos lá

para cima – tinha uma parte que ficava sobre a cabine do comandante e acomodava algumas pessoas, inclusive, com bancos. Subimos. Ela fechou logo a cara e foi dizendo: “devíamos ter ido para o jantar de João Maria. Não dei bolas. Relaxei, abri o uísque e comecei a tomar. Aí o timoneiro do veleiro pede ao microfone para as pessoas que estavam na parte de cima descer para contrabalançar o peso do barco e poder zarpar. Valéria disse logo que dali não saía. Algumas pessoas desceram e o veleiro partiu rumo aos Parrachos, e eu, claro, tomando o meu uísque. Foi quando alguém gritou: Barbosa, Barbosa. Olhei para trás e vi que era o advogado do Sindicato dos Jornalistas, Elcio, o nome dele. Expliquei a ele o que nos ocorreu e ele disse que não tinha problema, e que quando chegássemos nos Parrachos certamente o nosso barco iria aparecer.

Dito e feito: quando o veleiro aportou nos Parrachos, pouco tempo depois ouvimos o barulho de motor toc, toc, toc, o nosso barco chegando. Era um barco de pescador tipo lagosteiro. Soraya, a nossa amiga, desceu do barco e foi ao encontro do veleiro, pois que o seu irmão – Dr. Zé Rosendo, oftalmologista e sua esposa de nome Soraya que eu falei no início que a moça conhecia – estavam no Veleiro. Quando Soraya nos viu foi logo gritando chamando a gente para ir para o nosso verdadeiro barco. Já tinha tomado umas, tirei a bermuda, fiquei de sunga e mergulhei nos Parrachos. Tinha um canoieiro que estava dando apoio ao veleiro. Chamei ele e fui até o nosso barco. Voltei e fui buscar Valéria que não havia levado roupa de banho. Na época estava no ar a novela “Coisa Nostra”, na Globo. Quando cheguei próximo ao veleiro gritei para Valéria: “Amore mio” vim te buscar. Ela irada, virou o rosto, mas com a ajuda do advogado meu amigo do Sindicato dos Jornalistas, acabou descendo do veleiro com os espetinhos na mão.

CAPÍTULO II

Um quase exílio em Paris por causa de uma mala



Numa turnê pela Europa com a família, eu, minha esposa Valéria, minha filha mais nova, Luma, meu genro, João Victor, e seus pais, quase fico exilado na França, aliás, eu e minha mulher.

Estávamos em Strasburgo, num tour de dois dias e retornando para Paris. O trem de volta para a capital francesa partia às 14h00. O hotel que ficamos dava de

frente para a estação de trens. Por volta de meio dia combinamos de ir almoçar num restaurante próximo. Deixamos a bagagem na recepção do hotel, toda checada pela recepcionista e com o checkout.

Por voltas das 13h retornamos ao hotel para pegar as nossas malas e irmos para a estação. Checa daqui, checa dali e nada de encontrarmos uma das nossas malas, justamente a que estava guardado o meu passaporte e o da minha esposa. A mala tinha cor azul, inconfundível. A hora passando e nada de encontrar essa mala. A recepcionista já estava nervosa. Os pais do meu genro foram na frente para a estação pra ficar monitorando a saída do trem e nos avisar com antecedência para a primeira chamada.

Como não se encontrava a mala e a hora avançando da partida do trem, decidimos deixar o nosso contato com a recepcionista para, caso encontrasse a mala, nos avisar que dávamos um jeito de retornar de Paris naquele dia mesmo, já que o nosso voo para Lisboa estava marcado para o dia seguinte. Mas, sem os passaportes eu e Valéria não podíamos sair de Paris. Na nossa cabeça já pensávamos no dia seguinte ir à Embaixada brasileira relatar o ocorrido e tomar as providências como acionar o seguro contra o hotel e podermos retornar ao Brasil. Embarcamos no trem já com este pensamento.

Ocorre que na saída do trem de Estrasburgo para Paris, a recepcionista liga para o meu genro. O trem já fechando as portas, não dava mais tempo de sair. Aí, veio a ideia de meu genro e minha filha fazerem um bate volta para pegar a mala no hotel, sem o que eu e minha esposa teríamos que fazer um exílio forçado em Paris. Uma viagem de duas horas. Assim que o trem chegou a Paris, o meu genro e a minha filha compraram a passagem de volta para Strasburgo para pegar a mala azul. Meu genro ainda fez o hotel pagar as passagens de ida e volta dele. Por volta das 23h eles chegaram com o resgate da mala azul. Que alívio!

CAPÍTULO III

Quando virei deboche de um portuga



Estávamos em Lisboa, eu, minha esposa Valéria e um grupo formado por familiares e amigas. Um tour de 15 dias por terras lusitanas. Além de Lisboa, conhecemos nesta viagem Porto e mais outras dez cidades portuguesas.

Aproveitamos o último dia em Lisboa para fazer algumas compras. Como poderia dar excesso na bagagem que levamos, decidimos cada um comprar mais uma mala para suporte.

No retorno para o hotel, já com as compras e malas novas, Patrícia Queiroz, que fazia parte do grupo, pediu para Valéria levar a mala nova dela com as compras que fez para o nosso quarto, já que ela e Graça Praxedes, outra amiga que estava no tour conosco, iam fazer um lanche fora do hotel.

Retornávamos ao Brasil no dia seguinte em voo direto Lisboa/Natal. Por volta das 20h30, Valéria me pede para ir deixar a mala de Patrícia com as compras dela no quarto em que ela estava. Salvo engano uns cinco andares abaixo do nosso. De camiseta básica, bermuda e sandálias havaianas não contei conversa. Peguei a mala de Patrícia e fui deixar, conforme Valéria havia me pedido.

Sai do quarto e esqueci que Valéria estava relaxando na banheira e descontraída numa ligação para nossos filhos em Natal. Ocorre que ao retirar o cartão da porta automaticamente as luzes de todo o quarto se apagam, inclusive as do banheiro. Em síntese, Valéria ficou totalmente no escuro. Não lembrei deste detalhe.

Peguei o elevador e fui deixar a mala de Patrícia. Ela e Graça já tinham retornado ao hotel. Deixei a encomenda e fui pegar o elevador para voltar para o meu quarto, só que me deu um branco e esqueci o número do quarto e o andar. No cartão de abrir porta não constava o número do apartamento. Que fiz eu: fui direto na recepção. No trajeto do elevador até a recepção, entra um Sr só de bermuda, sem camisa e descalço. Em seguida num andar mais abaixo um casal todo alinhado. Olhei pro Sr que estava só de bermuda, sem camisa e descalço, e me confortei, já que eu estava de bermuda, camisa básica e chinelos.

Todos descemos até a recepção. O casal devia ir para algum compromisso fora do hotel, o Sr foi direto para o restaurante e eu para a recepção pra recuperar o número do meu quarto. Quando relatei o caso ao portuga que estava na recepção, ele debochou e caiu na garga-

lhada. Talvez pensando na zorra que a gente faz com os portugueses. Foi a forra. Mas, gentilmente me passou o número do meu quarto.

Quando cheguei no quarto, Valéria estava irada, e com razão. Deixei ela na banheira e no escuro. No café da manhã quando contei o que ocorreu todo mundo caiu na gargalhada, dizendo que isso só acontecia comigo.

CAPÍTULO IV

Perrengue no carnaval de Olinda



Um sobrinho de Valéria, minha esposa, tinha alugado um apartamento em Recife para a família passar o carnaval. Como a gente adora o Reinado de Momo, fomos pra Recife de carro.

No domingo de carnaval decidimos que íamos pra Olinda, de ônibus, por causa das blitzes. Foi quase todo o grupo da família que estava em Recife.

Por volta das 16h, eu Valéria e minha cunhada Rosângela [Zanza], decidimos retornar pra Recife. O restante do grupo, mais jovem, permaneceu em Olinda.

Fomos para o ponto de ônibus onde nos informaram que tinha linha pra Recife, direto pra Boa Viagem, onde estávamos.

Chegando na parada uma fila enorme já estava formada. Não tinha outra alternativa a não ser entrar na fila, porque táxi era Bandeira 2 no carnaval e nesta época não tinha aplicativo de transporte.

Eu, já tinha bebido todas. Valéria e Zanza se postaram na minha frente na fila. Chega o ônibus aí começa o empurra, empurra para entrar no coletivo. Valeria e Zanza conseguem entrar e aí o motorista fecha a porta. Qual o meu desespero: estava sem nenhum centavo no bolso, já havia gasto em cerveja. Começo a gritar pra Valéria que estou sem dinheiro pra voltar pra Recife. Aí ela pede ao motorista pra abrir a porta para eu entrar. Consegui entrar, o ônibus lotado de gente parecia uma lata de sardinha.

Na medida em que o ônibus ia parando começou a esvaziar, até que chegou num terminal e todos desceram. Pra nossa “alegria” conseguimos sentar na esperança da viagem continuar, foi quando o cobrador olhou pra gente e disse que ali era o ponto final. Perguntamos se a linha não ia até Boa Viagem, e ele disse que não, que tínhamos que pegar outro ônibus.

CAPÍTULO V

Troça do Peru e Xibiu com Mel no Ponto G



Sempre gostei de carnaval, aliás eu e minha esposa, Valéria, tanto assim que começamos a namorar em um carnaval. Durante quinze anos ininterruptos passamos o Reinado de Momo no circuito Olinda/Recife e foi, exatamente num ano que deixamos de ir ao carnaval pernambucano decido ao falecimento de uma prima que morava em Olinda – nos hospedávamos na casa dela – que surgiu a Troça do Peru na praia de Pirangi, litoral sul do RN.

Estávamos em casa, eu e Valéria, num domingo de carnaval, quando recebi uma ligação do amigo Emmanuel que tinha casa em Pirangi. Me perguntou o que estava fazendo e eu lhe disse que estava de bobeira. Ele nos convidou, então, para irmos a Pirangi que iria fazer um

churrasco. Pegamos o carro e partimos rumo a Pirangi. Quando passámos em Pium vi uma faixa que me chamou a atenção pelo nome do bloco que iria sair naquele domingo na localidade. “Hoje, às 16h, Xibiu com Mel. Cai na risada.

Chegando na casa de Emmanuel em Pirangi, ele deitado na rede e Ilana – sua esposa – numa mesa ao lado já separando as carnes para o churrasco. Conteí a Emmanuel sobre o Xibiu com Mel e ele não se aguentou. Disse que isso lhe tinha surgido uma ideia. Fundar um bloco para sair no domingo de carnaval em Pirangi. O nome do bloco seria Peru Azedo. Não acreditei e até brinquei com ele. Vamos fazer o encontro do Peru Azedo com o Xibiu com Mel no ponto G. Novamente risadas.

A mãe de Emmanuel que estava presente na casa dele – dona Ivan – achou o nome muito imoral. Aí, Emmanuel explicou que seria uma homenagem aos antigos veranistas de Pirangi, que passavam um mês na praia e só tiravam a sunga no último dia de veraneio, com o peru azedo da sunga que só via a água do mar, ou seja, água salgada. Mas dona Ivan não aceitou o argumento. O nome do bloco passou a ser, então, Troça do Peru, que durou dez anos.

Esse caso foi contado ao menos umas três vezes ao colega Diógenes Dantas. Uma no portal Nominuto.com e as outras duas vezes na 96FM quando ele apresentava o Jornal 96. Sempre quando estava próximo ao carnaval. Da última vez que fui ao programa contar sobre a história da Troça do Peru, Emmanuel, como diretor do bloco, me acompanhou. Aí eu disse para Diógenes que Emmanuel era o “Peru Mor”. KKKKKKKK. Diógenes, sempre brincalhão, disse: Como é Barbosa, Emmanuel é o peru mole. Ninguém se conteve no estúdio, todos caíram na gargalhada.

CAPÍTULO VI

Gafe sem reparo



Veraneio na casa de Bob e Soraya – hoje separados – na praia de Búzios, litoral sul do RN. Era um domingo ensolarado de janeiro com o mar convidativo e uma cerveja bem gelada pra ser degustada na varanda de frente para a enseada.

Mesa formada por amigos no varadão, com uma gela, uísque e cachaça, a gosto do freguês, à espera do churrasco a ser preparado por Vianez, caseiro da família e amigo da turma. Ao meu lado um casal de João Pessoa que fui apresentado por Bob naquele domingo. Os temas das conversas eram os mais variados. Foi quando Bob fala na lancha que comprou junto com mais dois outros

amigos nossos para passear nos Parrachos de Pirangi – piscinas naturais. De antemão devo dizer que se trata de uma lancha propriamente dita, mas de uma jangada de fibra com dois bancos que cabem quatro pessoas e um motor de popa.

Bob já havia me dito que a “lancha” só conseguiu fazer um passeio aos Parrachos, depois o motor quebrou. Mandaram a lancha pra lagoa do Bonfim, onde um dos compradores tinha casa. Foi para conserto, mas o motor pifou de vez. Ficou encostada no Bonfim.

Pois muito bem. Sabedor dessa história entrei na conversa pra detonar a lancha imprestável. O meu comportamento inoportuno levou a que eu cometesse uma gafe grande, mas o culpado foi Bob que não me avisou que a tal lancha tinha sido vendida pelo casal de João Pessoa que estava na mesa com a gente. Enfim, cometi uma gafe sem reparo, mas os ex-donos da “lancha” foram espirituosos e só fizeram rir.

CAPÍTULO VII

Pessoas homônimas dá nisso

Um amigo de meia idade tinha sido pai. Casado pela segunda vez com uma mulher bem mais jovem do que ele, todo empolgado e com energia renovada anunciou o nascimento do rebento a todos no trabalho.

Dias depois fui conhecer o filho dele. Este amigo, que vou me furtar de dizer o seu nome por uma questão de respeito, me passou o endereço de onde residia. Tratava-se de um condomínio com várias torres, e no meio tinha uma divisão de um conjunto de torres para outro.

Eu e minha esposa, Valéria, agendamos dia e hora para ir conhecer o filho desse meu amigo que nascera. Me identifiquei na recepção do condomínio, o porteiro checkou o nome do proprietário do apartamento e disse que poderíamos estacionar o carro na vaga de visitantes e se dirigir a torre e ao apartamento de onde a pessoa havia autorizada a nossa entrada.

Chegamos ao apê, eu apertei a campainha e a secretária do casal veio nos atender. Pediu para entrarmos e aguardar que a pessoa que procurávamos já vinha nos receber. Nesse interim, vimos duas bicicletas no terraço e logo em seguida duas crianças entre 7 e 8 anos passando correndo pela sala brincando. Minha mulher olhou pra mim e comentou que poderia ser netos dele, filhos dos filhos do primeiro casamento, o que concordei.

Não demorou muito aparece um rapaz que devia ter seus trinta anos e se apresentou pelo nome desse meu amigo. Cumprimentamos ele e perguntei pelo pai. Calculei que tinha o mesmo nome que seu pai. Surpresa nossa o rapaz confirmou o nome e disse que o pai dele tinha outro nome, e não o dele. Ele percebeu que minha mulher tinha uma lembrança na mão para dar a mãe do bebê. Aí a ficha dele caiu.

- Me desculpem, mas vocês vieram no apartamento errado, se dirigiu o rapaz a nós. Em seguida nos disse que já era a terceira vez que ocorria isso, que outras pessoas se enganaram e nos encaminhou ao conjunto de torres do outro lado do condomínio. De acordo com o relato, ele era homônimo desse meu amigo, e até brincou com a gente, perguntando se não queríamos deixar o presente.

CAPÍTULO VIII

Susto no trem



Num desses tour pela Europa, incluindo França e Itália, numa viagem de trem de Milão para Veneza, o meu genro, João Victor, casado com a minha filha mais nova, Luma, nos pregou um susto.

No trajeto João Victor põe a mão no bolso e diz que perdeu a carteira com todos os documentos. Vira daqui, mexe dali, a minha cunhada que nos acompanhava na viagem, Rosângela (Zanza), resolve percorrer o vagão em que nós estávamos, perguntando aos passageiros se não viram uma carteira, inclusive, fazendo as pessoas se levantarem do assento.

A tripulação do trem também foi acionada. Todo mundo procurando a carteira de João Victor e a viagem seguindo e o tempo passando, e nada da carteira ser encontrada.

Foi quando Zanza teve a feliz ideia de levantar o assento onde estava João Victor. A bendita carteira tinha

caído entre o assento e o encosto da poltrona. Alívio geral depois de incomodar todos passageiros.

O aperreio foi tanto que ninguém, nem o próprio João Victor, se lembrou de procurar primeiro a carteira no assento da sua poltrona. Se tivéssemos feito isso teríamos evitado o alvoroço dentro do trem.